

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 4—1.º ANO

 Director: PINTO QUARTIM
 Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Publica-se ás 5.ªs feiras

 Redacção e administração
 Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

 Comp. e Imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
 R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

LIBERDADE DE IMPRENSA

Muito cedo começa a perseguição á imprensa! A suspensão da *Alvorada* foi o toque de alarme. Fala-se em que se seguirá o *Sindicalista*, os *Ridículos* e provavelmente dentro em pouco todo o mundo jornalístico. Um ano transcorrido, o macimo, e em Lisboa, se o actual governo se mantiver no poder, não se publicarão mais do que o *Mundo*, a *Patria*, a *Capital* e o *Seculo*...

Consignemos desde já que nenhuma especie de solidariedade temos, ou queremos ter, com o jornal apreendido. Este facto não obsta, porém, a que, serenamente, condenemos o áto da autoridade, como revoltante, estúpida e desnecessária se não improficua medida.

Com efeito, se esse jornal apenas inseria mentiras nas suas colunas, facil deveria ser confundir com a verdade os tórpes caluniadores; se apenas dizia verdades, duras embora, das que *devem calar-se*, segundo estatue o pragmatismo conselheiral da boa imprensa, lutassem os alvejados com furia e com ancia, mas frente a frente, no mesmo campo—e não traiçoeiramente, abuzando do poder, fazendo dele uma esquina propicia a bandoleiros para assaltos a bom recato; e finalmente, se o jornal continha verdades e mentiras, destrinçassem, separassem o trigo do joio, prevenindo o publico com honestidade e decôr.

Repetimos que nenhuma especie de solidariedade temos ou queremos ter com a obra que fazia a *Alvorada*. Mas isso mesmo, é talvez mais uma razão para que verberemos indignadamente o proceder cobarde da imprensa de Lisboa, fazendo prudentemente silencio em volta da prepotencia, guardando tristemente bem tristes conveniencias.

Não; não nos sofre o animo deixar sem protesto um áto de tirania. E embora convictos de que a nossa honrada atitude ha-de sofrer o contacto venenoso da baba vil que é constante escorrença da bôca e da pena desses que em suprema razão alçaram o «crê ou morres» e em sua justificação unica o «quem não é por mim é contra mim»—contentes ficamos porque a nossa consciencia nos aprova e porque só com ela nos preocupamos.

Em bôa verdade, bem pouca e bem falsa é no presente momento entre nós a liberdade de associação. A liberdade de imprensa começa agora a receber tratos. Dentro em pouco o que será da liberdade de pensamento?!

Depois é inabil o processo dos que se apostaram em fazer politica á turca, desde os negocios da mais comezinha administração sertaneja, até á solução dos mais graves e complicados problemas nacionais.

Os republicanos adquiriram no tempo do ostracismo, nas saudosas quadras da violenta opposição, a esperiencia, a certeza mesmo, de que o desmando repressivo só aumenta e concita instintos de rebelião, de que uma vitima vale para efeitos de propaganda mais do que dez apóstolos, de que idéa perseguida, emfim, é idéa triunfante, mediata ou imediata-mente.

Mas isso não é conosco, porque fazendo mal e depressa, como o povo costuma dizer, quem boa cama fizer, nela se ha-de deitar.

O nosso proposito é tão sómente mostrar aos tiranetes da gôrra vermelha que pretendem fazer do paiz um feudo ou uma gléba, monopolizando a Republica para certa casta de republicanos, e não a facultando a todos os que a quizerem,—que a nenhuma prepotencia, a nenhuma desmando, a nenhuma prova de tirania deixará de corresponder um protesto nosso, indignado embora sereno, vibrante apesar de reflétido, ardoroso se bem que consciente.

Factos e comentarios

Aos agentes e novos assinantes

Tendo-se esgotado os numeros da *Terra Livre* até agora publicados, apesar da sua grande tiragem, prevenimos os nossos agentes que, por este motivo, os seus pedidos de remessa de mais exemplares desses numeros não têm sido satisfeitos.

Aos assinantes que apareçam agora a inscrever-se só lhe poderemos enviar, por igual motivo, do presente numero em diante.

Transcrições

O *Aldeão*, trimensario republicano independente que se publica em Loulé, transcreveu em fundo o artigo de apresentação do nosso jornal.

O *Corticeiro*, organ da Federação Corticeira, transcreveu tambem do nosso primeiro numero, o artigo *Sindicalistas e Anarquistas* de Emi-

lio Costa com o qual declarava concordar. A ambos os periodicos agradecemos o terem indica do a procedencia dos artigos transcritos.

Honrando a Patria

Verdadeiramente ignobil a exploração que o promotor e certas testemunhas de acusação estão fazendo em Santa Clara persistindo na sistemática desonestidade de baralharem ou de estabelecerem confrontos e aprocimações entre movimentos grévistas e movimentos monarquico-conspiratórios.

... Mentir conscientemente é a maior das infamias e um bem pouco decoroso processo de honrar a Pátria...

Coisas marciais

Interessante e significativa aquela historia de dois promotores num julgamento de conspirantes em Santa Clara.

Tentámos obter a explicação do caso e várias razões nos foram apontadas, mas que reputamos pouco convincentes.

Quanto a nós persistimos na nossa primeira idéa: o promotor complementar é para as subidas, salvo seja!

Governo que governa

... com a mordaca. O sr. Afonso Costa apreendeu a *Alvorada* e andou por aí a dizer que fazia o mesmo ao *Sindicalista* e aos *Ridículos*.

Não consta que alguém ficasse surpreendido.

Bolilha dos funcionarios

O jornal do sr. Antonio José, pela pena luminosa do sr. Pimenta, combate o recente regulamento dos funcionarios civis, por isto e por aquilo, e por ter esquecido o caso de greve «que é absolutamente necessario prevenir-se em documentos desta natureza.»

Bem. Ficamos cientes. Quando o evolucionismo fôr governo, os funcionarios não de conhecer melhor a repressão. Mais um artigo e alguns paragrafos, e a arma será julgada perfeita.

Emquanto o socego não vem...

No relatório da commissão de legislação operária sobre o projeto de lei que cria uma Bolsa de Trabalho em Lisboa, encontramos este rebuçado, com a marca dos deputados operários Alfredo Ladeira e M. J. da Silva.

«As Bolsas de Trabalho... largamente contribuirão para o socego da familia portugueza, desmascarando falsos movimentos de crises, tantas vezes simples agitações politicas movidas por pretensos operários, quando não por operários que não querem trabalhar...»

Os visados que dizem a este mimo dos seus representantes?

Organização

A direção da Casa do Povo, de Bruxelas, ao que parece, resolveu que os seus «restaurantes», enquanto durar a condenada greve geral, fechem ás seis horas da tarde e não vendam nem cerveja, nem vinho, nem licôres ou quaisquer bebidas espirituosas; e mais resolveu o seguinte:—qualquer pessoa que tentar a menor perturbação da ordem, será imediatamente entregue á policia.»

Tudo isto—segundo o sr. Brito Camacho em um dos seus «écoss»,—revela a intelligente organização do Partido Operário Belga. Mas que diabo de relação haverá entre a função dos dirigentes dum partido politico e a dos gerentes duma casa de bebidas? Perdemos-nos em conjeturas.

A opinião da Imprensa

A Imprensa, tanto a burgueza como a operaria, continúa rijistando o nosso aparecimento com palavras que nos são sumamente agradaveis por não terem sido solicitadas, e ambicionando-nos longa vida, o que agradecemos.

Terra Livre é o titulo de um novo semanario que encetou a sua publicação na capital e que se propõe defender os ideais anarquistas.

A sua colaboração é escolhida e o aspecto material bem cuidado.

Felicitemos o novo colega. — (Da *União Figueiroehse*).

Saiu hontem o primeiro numero do semanario anarquista *Terra Livre*. Apresenta-se escelentemente colaborado.

Longa e prospera vida lhe desejamos. — (D'O *Socialista*).

Terra Livre é o titulo de um novo semanario anarquista que se publica em Lisboa e nos deu a honra da sua amavel visita

Brilantemente redijido e colaborado pelos elementos mais avançados, do nosso paiz queremos crer que, da parte do publico, terá o acolhimento de que se tornam merecedores todos aqueles que se batem pela emancipação universal da consciencia humana.

Terra Livre, vende-se nesta vila no deposito de tabacos de Coelho da Silva.

Agradecemos do coração a sua visita e desejamos-lhe longa vida. — (D'O *Caminhense*).

Apareceu efetivamente na quinta-feira, 13 de fevereiro, este nosso novo colega, editado por um grupo de camaradas anarquistas.

O novo combatente que, como é obvio, preconiza as ideias libertarias, apresenta-se admiravelmente redijido, trazendo artigos muito interessantes. O aspecto tipografico é magnifico e impresso em bom papel, sendo seu diretor o nosso amigo Pinto Quartim.

Ao nosso novo camarada desejamos longa e desafogada vida. — (D'O *Sindicalista*).

Saiu na semana passada o primeiro numero da «Terra Livre», o jornal libertario que na quarta página do nosso jornal vinhamos anunciando.

Da sua redacção fazem parte os camaradas Neno Vasco, Emilio Costa, Pinto Quartim e Sobral de Campos—a elite intelectual dos anarquistas portuguezes.

A «Terra Livre» tem o aspecto brilhante duma revista, lembrando-nos o «Les Temps Nouveaux» do talentoso camarada Jean Grave.

Colaboração escolhida, subscrita por homens de reputação literaria já feita, todos aqueles que se interessam pelas questões sociais tem ali estudos interessantes sobre os problemas que convulsionam a actual sociedade. A «Terra Livre» tem condições para triunfar, apesar da pobreza intelectual do nosso meio e da anestesiante indeferença do operariado portuguez por todas as questões que lhe interessam. (De O *Germinal*).

Pelos prezos
por questões sociais

A solidariedade impõe-se

O ilustre jornalista que escreveu no *Mundo* o artigo que vamos comentar, só por acaso leu o que dissemos acerca dos camaradas que se encontram prezos por questões sociais. Mas deu-nos a honra imerecida, o ilustre jornalista, de discutir o assunto em *fundo*.

Antes de mais sempre queremos dizer ao articulista do *Mundo* que não é por acaso que lhe lemos a verrinosa gazeta, mas propositadamente e por necessidade. Compreendese: as insídias, embora não mereçam agastamentos, bom é que se conheçam.

Entendeu doutoralmente o articulista que os indivíduos prezos por causa da questão dos baldios em Barbacena e os que por furtarem bolota em Amareleja foram privados da liberdade, não podem ser incluídos no numero dos detidos por questões sociais porque (verdadeira filosofia do Banana!) «enquanto existir direito de propriedade, as leis hão-de garanti-lo.»

Pois quem, não sendo rato-neiro vulgar infrinje o direito de propriedade, impondo o direito à vida e roubando para sustento proprio e dos seus, o que aos suínos se dá também, deve ser prezo como ladrão?

Pois na questão dos baldios de Barbacena não se retratará toda a ignobil injustiça duma sociedade mal constituída, humanamente defeituosa, lojica e sentimentalmente condenada?

O que constitui então para o ilustre jornalista uma questão social?

Uma greve póde ser considerada como uma rebelião política, ou como simples arruaça, movimento de ruas, alteração da ordem, etc; outro tanto póde suceder, e geralmente sucede, com os chamados atos de boicotagem e sabotagem; oroubo, ainda quando é a fome mais negra, e o mais sagrado direito, e o mais imperioso dever que o impõem, não deixa de ser uma *estorsão* violenta, uma fraude, um atentado á propriedade privada...

Hípócritas! E' isto sério?

O que da propria prosa do ilustre jornalista se conclue é que a necessidade de protesto é mais urgente, e que o clamôr do nosso brado deve crescer: — P'ró prezos por questões sociais!

● A propriedade tal como está hoje constituída, defendida pela lei de herança, garantida pelo Estado, é uma monstruosidade tão evidente, um contrasenso tão grande que os homens do futuro recordar-nos-ão com lastima e repugnância ao mesmo tempo, pelo só facto de termo-la consentido — R. Campolngi

EM FRANÇA

Um processo sensacional

EPILOGO

«A vindicta organizada,
chamada justiça» — A incerteza
das provas
A sanha policial
Algumas das injustiças e contradições
mais salientes

Julgando vinte acusados dos piores crimes, a «Justiça» de Paris pronunciou, enfim, uma sentença feroz — não tanto, porém, como o desejava uma ignóbil policia, brutal, despótica e vingativa. Os crimes imputados a alguns dos inculpados, aliás sem provas cabais e decisivas, são apenas fruto do meio social doente e desequilibrado. E nesse caso, que vem fazer a selvática sentença? de que serve cortar cabeças?

Mesmo sob o ponto de vista do direito burguês (o que cobre e consagra o banditismo legal para punir apenas o ilegal), esta sentença, além de feroz, foi injusta e contraditória.

Descrevendo a última audiência, a *Bataille Syndicaliste* tem estas justas palavras:

«Estamos no ultimo ato duma grande causa, em volta da qual a policia e a imprensa criaram uma atmosfera de ódio e de cobardia. E nunca talvez, a despeito dos métodos de informação excessiva, duma instrução que durou um ano, de três semanas de audiências sobrecarregadas, a verdade se fez menos: nenhuma prova verdadeira foi apresentada, nenhuma responsabilidade estabelecida.»

Falando da odiosa atitude da policia, é o mesmo diário que escreve estas palavras:

«Durante todos estes dias, a policia reinou como dona no tribunal. Os agentes da terceira brigada e os de Guichard foram os únicos que dispuseram dos bilhetes de favor, de sorte que, por assim dizer, não houve público verdadeiro. Todos os lugares estavam de antemão retidos pelos policias, em beneficio de suas famílias e amigos. As mulheres delés fizeram-se notar pela sua insistência em encarar os «bandidos» que tantas vezes fizeram trêmer os maridos. A sua presença indicava o caráter de vingança deste processo. Alguns guardas municipais manifestaram diante de nós o seu nojo por verem policia de ambos os secos considerar-se em terra conquistada. Os próprios jornalistas tiveram de lhes sofrer o contacto e a vijilância.»

Algumas das condenações foram juridicamente injustas. Assim a de Gauzy, contra quem a policia nutria especial rancor, considerando-o, sem a menor base, cúmplice de Bonnot no assassinato de Jouin, chefe policial. A prova da sua inocência e boa fé foi completa. Por êle se empenharam pes-

soas de alta inteligência e coração, como Séverine que fez um depoimento impressionante. Não importa! A policia, que pedia a sua cabeça, não foi de todo derrotada: obteve para o inocente, homem digno e bom, de passado irrepreensível, ano e meio de cadeia!

Kibaltchiche, cuja culpa única foi aceitar pacotes sem os examinar, deixando-os descuidadamente na redação, sobre mesas e cadeiras — o que prova a sua boa-fé — teve cinco anos de reclusão e cinco de interdição de residência!

Carony e Medge, dados como culpados dum crimé horrível, escapam à pena capital pela tanjente das circunstâncias atenuantes — que não são concedidas a Dieudonné, apesar de não ter morrido Caby, o agredido da rua Ordoner!

Demais, as provas contra estes três homens foram bem incertas e os seus advogados afirmaram que a policia sabia mas calava os nomes dos verdadeiros culpados!

Por fim, lido o veredicto, Callemín resolveu confessar-se um dos autores do atentado da rua Ordoner, declarando, porém, que Dieudonné estava inocente, que não tomou parte no crime, que o agressor de Caby foi Garnier, como já se depreendera de alguns depoimentos, da circunstância provada de terem sido os tiros disparados com a mão esquerda e do próprio reconhecimento feito a princípio por Caby. Dieudonné, que sempre clamou com vigor a sua inocência, foi no entanto condenado à morte! Esta sentença parece ter toda a feição dum erro judiciário que, a ser consumado, se tornará irreparável.

Para mostrar bem com que paixão e em que incerteza se julgou, não nos chegaria o jornal todo. Limitamo-nos a apresentar um cantinho da «vindicada justiça»...

Crónica internacional

NA INGLATERRA

as sufragistas querem o voto e como lhô recusam, bumba! dinamite, incendio, petróleo, o diabo! O ministro, que prometera atendê-las, ao menos em parte, parecia agora querer adormecer? Pois elas acordavam-no!

E o caso é que a imprensa e a gente sensata estão indignadas, mas ocupam-se da questão... Não haverá remédio senão conceder, por fim, às damas esse direito a que elas ligam tanto aprêço.

Também os socialistas da Belgica e da Hungria se ajitam em favor da universalização do sufrágio político, preparando-se para a greve geral, nada menos!

A ironia do caso, ou antes, dos três casos, é que em todos eles se reivindicava o direito à ação eleitoral, à ação indireta, por meio da ação direta — e da ação direta não pacífica, mas violenta e furiosa, com as sufragistas, e na sua expressão mais alta, a greve geral, com os socialistas belgas e húngaros!

Esperemos que mais tarde voltem a ela, de vez, quando se tiverem desiludido da sua ineficaz e enganadora substituinte.

NO MEXICO

há por lá mosquitos por cordas entre os políticos. Espatífaram-se como gatos assanhados. Armadilhas infames, traições, quebras de compromissos, assassinatos inúteis e hipócritas, selvajarias, tudo foi posto em execução sem o menor escrúpulo. Quando se trata de conquistar o poder, ou de o conservar, não ha escolha de meios: os políticos, partidarios da autoridade, são os que dão os mais ferozes exemplos de violência. E então, quando algum anarquista, farto de vexações e perseguições, pratica um ou outro ato de revolta, é ouvi-los gritar e barafustar. O anarquismo é que é a violência!

O telégrafo tem-nos falado da briga entre mandões, mas nada nos tem dito do movimento de caráter económico e tendências comunistas que ha tanto tempo se mantem no México. Só lemos que o novo presidente promete restabelecer a paz capitalista e a ordem varsovia a ferro e fogo...

Esperemos a *Regeneración*, o importante órgão revolucionário, afim de podermos informar os nossos leitores.

NA SUIÇA

a União Operaria de Zurich e o partido social-democrático do mesmo cantão, separaram-se. Na municipalidade de Zurich ha quatro sociais-democratas que, durante a greve geral de julho de 1912, aprovaram a proibição das comissões de vijilância dos grevistas, o emprêgo de tropas contra a greve e o castigo de alguns operarios municipais, por terem aderido ao movimento.

As relações, que já eram tensas entre as duas organizações, azedaram-se ainda mais com esta atitude, não censurada pela imprensa social-democrática. Por fim, como um jornal do partido atacasse um militante operario, foi contra esse jornal aprovada uma moção de censura. E foi então o próprio partido que quis a ruptura, decidindo a separação antes reclamada por muitos militantes dos sindicatos.

Eis pois o movimento sindical autónomo em Zurich, como já o era na Suíça de língua francesa. E' o primeiro passo que será decerto seguido por muitos outros. Já se fala na possibilidade d'uma Federação das Unões de Sindicatos de toda a Suíça, organização independente dos partidos políticos.

NA BULGARIA

os efeitos da guerra no proletariado são terríveis. Um membro da Federação dos operarios dos transportes envia a um jornal francês daquela corporação uma correspondência edificante.

Os ferro-viarios estão sob uma tirania espantosa. As estações são governadas por militares brutos, que nada entendem do serviço e não admitem fadigas nem doenças como desculpa. O conselho de guerra, por inutilidades, por ordens impossíveis de cumprir, por efeitos do cansaço ou da insuficiência do material, condenam os empregados a pen s formidáveis. Desde o principio da guerra não ha repouso, nem para os homens, nem para o material. Dante não concebeu inferno mais horrível.

NA AUSTRIA

a mobilização custou, até ao começo deste ano, 180 milhões de coroas. Calcula-se que a despesa excederá em breve 400 milhões.

Estes gastos serão cobertos por uma emissão de titulos de renda a 4 meio por cento, atinjindo o empréstimo uns 600 a 800 milhões.

A mobilização austriaca, entre outros grandes prejuizos, causou a fome na Galicia, na fronteira russa. Tinha havido má colheita, e veio depois a suspensão das transações e do trabalho nas indústrias, por motivo da mobilização.

Em Lemberg, Cracovia e Stanislaw, as municipalidades tiveram que distribuir pão e batatas aos pobres, espostos a morrer de fome. Por fim os burgomestres apelaram para o governo... que é um dos principais responsáveis da situação.

E todos estes sofrimentos por causa da defesa de interesses que não são os do povo!

DESFAZENDO EQUIVOCOS

SINDICALISMO E ANARQUISMO

E' natural que os burguezes, por ignorancia ou por sistema, deturpem a doutrina anarquista. Natural é ainda que os socialistas autoritarios, querendo fazer valer sectariamente a sua doutrina economica, nos atribuam principios e ideias que não defendemos. Assim o tem feito. Estamos habituados e já não fazemos reparo.

Mas porque se não trata agora de nenhum burguez, nem de, nenhum socialista autoritario, mas de alguém que se diz anarquista é sindicalista, não deixou d'esta vez o facto de nos causar estranheza. E, por isso mesmo que se não trata de ninguém que sistematicamente o esteja fazendo, merece a pena responder.

Diz Manuel Ribeiro no *Sindicalista*:

«A distincção fundamental entre a conceção sindicalista e a anarquista é que, segundo o anarquismo, a organização social deve operar-se não em vista da produção mas em vista do consumo. A produção, dizem os anarquistas, não é um fim mas uma consequencia. Segundo o criterio sindicalista a produção é que é essencial. Sem a produção organizada como garantir o consumo? Organizemos bons produtores que consumidores não faltarão.»

Ha aqui um erro grave de critica, que supõe portanto uma incompreensão da doutrina, visto que partimos do principio de que a argumentação não é feita de má fé. O que os anarquistas da corrente comunista entendem é que a produção deve ser organizada em harmonia com o consumo. Portanto esta ideia supõe uma produção organizada para garantir o consumo. Mais: os anarquistas comunistas supõem grupos que podem ser ao mesmo tempo de produção e de consumo.

Manuel Ribeiro também entende que o anarquismo é contra o profissionalismo e cita uma frase de Grave. Expliquemo-nos. Na verdade se, no futuro, devido á circumstancia de desaparecerem os parasitas da sociedade e aumentar o numero de trabalhadores e ainda aos progressos mecanicos diminuir correlativamente dentro de cada profissão para cada profissional o numero d'horas de trabalho, necessariamente esse profissional poderá, se assim o quizer, empregar a sua actividade no que lhe parecer. Assim lho diz a sua propria natureza, que lhe recomenda que não deixe desenvolver ezajeradamente um órgão á custa dos outros órgãos. Ter-se-á pois no futuro em vista não só o aperfeiçoamento do trabalho mas também o aperfeiçoamento do trabalhador.

Mas o anarquismo não faz d'isso uma questão, deixando o caso ao criterio do futuro. Pelo contrario supõe todas as

formas de organização economica, desde que estejam de harmonia com os principios fundamentais. E' de crer mesmo que todas essas formas de organização nõ principio se estabeleçam, indo-se pouco a pouco reduzindo ás que forem mais racionais. Porque o essencial não está na forma de agrupamento dos produtores, mas nos principios fundamentais da economia comunista anarquista: *a cada um segundo as suas necessidades, de cada um segundo as suas forças*. Realiza-se isso por meio de pequenos grupos produtores federados, ou por meio de grupos mais numerosos em grandes fabricas, ou ainda por grupos mistos de produções diversas, variando dentro de cada grupo o trabalho? Pois bem, tudo isso será anarquismo. E só o deixará de ser se o principio não fôr cumprido.

Diz Manuel Ribeiro:

«O anarquismo parte do principio de que o trabalho é uma coisa penosa, aborrecida e que é preciso portanto variar. Compare-se esta conceção do trabalho com a do sindicalismo que cria uma moralidade da produção.»

Para o anarquismo só é imoral o trabalho escedente ás forças do trabalhador. E nisto nos acompanham também os socialistas autoritarios e os proprios sindicalistas quando reclamam a redução da jornada de trabalho.

Quanto ao trabalho variado, para facilitar o equilibrio organico do trabalhador, já não é uma questão de anarquismo mas de fisiologia. E a ideia de que o trabalho especializado é mais perfeito, o que é muito discutido em ciencia economica, pois a especialização sob o ponto de vista restrito dá produção tem vantajens e desvantajens que é preciso ponderar, — tem de relacionar-se com essa outra do dominio da fisiologia e das duas tirar-se o que for mais util e mais justo para o individuo e para a sociedade, podendo a este resultado e á sua applicação chamar-se já uma ideia anarquista.

De resto substituir um trabalho por outro não é condenar o trabalho como imoral, pois o trabalhador se não ezimia ao trabalho substituindo-o por um divertimento mas por outro trabalho. Tudo era trabalhar. O contrario, se disso adviesse prejuizo para a coléctividade é que seria imoral.

Trabalhe-se de harmonia com as forças do trabalhador, dizemos nós. Ora se um trabalhador sem variar o trabalho produzir 10 e, variando-o, produzir 15, sem esceder as suas forças, segue-se que socialmente o trabalho variado será mais util. Se assim fôr, diz o anarquismo: faça-se assim. Se as

sim não fôr, diz o anarquismo: não se faça.

Tenha-se também em consideração que ha trabalhos que têm necessariamente como condição a variedade.

Haja vista aos trabalhos do campo, em que o cultivador arroteia a terra, aduba-a, semeia, monda, ceifa, etc.

Tambem nunca o carpinteiro se lembrou que, serrando, aplainando taboas, aparelhando peças, ou pregando pregos, que ao fazer uma d'estas operações estava a considerar imoral o trabalho por não ficar toda a sua vida a fazer uma d'elas, tal qual como o desgraçado que passa uma vida inteira a fazer apenas cabeças de alfinetes, embrutecendo-se, anulando todas as suas outras faculdades e matando o espirito de iniciativa e de originalidade, de que póderia resultar, muito mais do que da pratica, o aperfeiçoamento do trabalho. E assim os proprios sindicalistas serão pela variedade do trabalho, sempre que o não o variar prejudique o proprio trabalhador ou represente para a sociedade um prejuizo. A menos que os sindicalistas tenham a moral estreita dos burguezes, diferenciando-se então e dum modo bem radical, dos anarquistas.

Diz Manuel Ribeiro:

«O que é o anarquismo? E' a revolução organizada. O que é o sindicalismo? E' o trabalho organizado.»

Aqui ha um caso de prestidijitação e consiste em suprimir á doutrina anarquista uma parte muito importante: a economica. Também só assim é que se podia conseguir, atribuindo-a depois ao sindicalismo, notar diferenças entre este e aquéle.

Ora o anarquismo, tal como o concebe a mais forte corrente anarquista, não é apenas uma doutrina anti-estatista é também uma doutrina anti-capitalista. E quanto á revolução, que é um acidente e não faz parte do corpo de doutrina, os anarquistas supõem-na feita por meio d'uma grève geral e portanto *por trabalhadores organizados em sindicatos*, forma mais perfeita de a realizar.

O anarquista é um socialista e, como socialista, é comunista. O anarquista não socialista é já um produto raro; assim como é raro o anarquista-socialista-coletivista. Pois o anarquista que não quer o trabalho organizado, que defende a propriedade individual é o anarquista não socialista, com que não temos nada economicamente de comum. E só ao anarquismo d'esses anarquistas é que se ajustaria a observação de Manuel Ribeiro.

O socialismo divide-se em comunismo e coletivismo. E tanto o comunismo como o coletivismo supõe a organização com autoridade e sem autoridade. Deu-se porém, pelo decorrer do tempo, a circumstan-

cia de o comunismo ter perdido o seu ramo autoritario e o coletivismo ter perdido o seu ramo libeftario. D'onde resulta que hoje os socialistas são só comunistas anarquistas, e coletivistas autoritarios. E o comunismo, por menos que o queirã Manuel Ribeiro, ha-de ser sempre uma doutrina que supõe o trabalho organizado e a coletivização dos meios de produção e de consumo.

De resto se tantas diferenças ha entre anarquismo e sindicalismo de forma que tais doutrinas se contrariam, como se explica a circumstancia de Manuel Ribeiro poder dizer, sem que ninguem o possa estranhar, que é anarquista e sindicalista?

Campos Lima.

Movimento libertario

FRANÇA

Ajitação antimilitarista.

Em vista do pedido de novos créditos militares, dos novos armamentos projectados e da intenção declarada de voltar á lei dos 3 anos de serviço militar, a C.G.T. resolveu organizar uma ajitação popular.

O manifesto lançado há dias fala da obra de aproximação entre o povo francês e alemão, empreendida pelo proletariado organizado de um e do outro lado da fronteira; diz que em cada país o operariado deve evitar a guerra a todo o custo, e termina: «Operários, camponeses! o serviço de 3 anos, os novos armamentos? E' o agravamento da servidão militar que pesa sobre vossos filhos; são novos aumentos do custo da vida, causados pelos impostos em perspectiva e pela ausencia de braços uteis á produção; são os pais e mães privados, por mais um ano, do seu arrimo natural; é uma miséria maior para a choupana ou casa; é sobretudo, em breve, o choque brutal, fratricida entre os povos: A guerra! Proletários manuais e intelectuais! Lembrai-vos de que o vosso veemente protesto, quando da tensão de Agadir, evitou a colisão sangrenta entre os dois povos, alemão e francês. Operários da officina, estaleiro, escritório e campo, erguei-vos contra a lei de 3 anos, contra os novos armamentos! Manifestai o vosso horror ao chauvinismo idiota e ao patriotismo interessado!»

Prevenimos os nossos assinantes da provincia de que já enviámos para o correio os recibos das suas assinaturas.

Aos nossos agentes mais uma vez pedimos que liquidem imediatamente as suas contas relativas aos numeros já publicados devendo-nos remeter as sobras com indicação do nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

A uns e outros lembramos que "Terra Livre," obra de ideia e não de comercio, conta apenas para se manter com o produto de venda dos seus exemplares e dos esforços dos camaradas.

Revista dos jornais

Os «bandidos trajicos»

Casario, a proposito do julgamento do bando de Bonnot, já terminado com quatro condenações á morte e duas a trabalhos forçados por toda a vida, além doutras penas, escreve no *Trabalho*, de Setubal, estas palavras candentes:

«Mataram, por junto, quatro pessoas, roubando, entre dinheiro e papéis de credito, uns quatrocentos mil francos. Certamente que não vamos classificar o caso como ação meritória. Bem pelo contrário. Mas quasi ao mesmo tempo surge em França o caso do «Crédit foncier agricole du sud de la Espagne» e a opinião jornalística não se mostra nem de longe irritada. Trata-se duma instituição burgueza, da qual faziam parte altos políticos e grandes financeiros, que afinal fez mais do que o bando trajico: roubou quatro a cinco milhões de francos, assassinando moral e materialmente famílias inteiras que viviam da economia, fazendo mais dano á sociedade, surripiando mais dinheiro e arrancando mais lágrimas, do que todo o grupo Bonnot com a sua romanza lugubre. Contudo, a gente do «Crédit» pouco afinal será incomodada por causa das suas traficancias. Provar-se-á tratar-se dum incidente vulgar no meio economico atual. Demais, aquela ratoeira fôra armada por pessoas de consideração, amigas da ordem social e defensoras das instituições capitalistas. Os anarquistas não tinham a Lejão d'Honra ao peito e operavam com risco da propria pele, o que é sempre pelos modos sobremaneira asnático. Irão parar á guilhotina! O presidente Poincaré terá assim uma bela estreia e a República defender-se-á contra os bandidos, que nem ao menos sabem atuar mascarando-se de financeiros.»

O Mexico em Lisboa

Do *Mundo*:

«O general Huerta, conversando com alguns jornalistas, declarou-lhes que tinha a intenção, para governar o país, de recorrer ao metodos de Porfirio Diaz.»

Quais esses metodos sejam, mostram-no est'outras palavras do órgão democratico:

«O novo presidente diz que pouco lhe importa o numero de homens que fôr necessario sacrificar.»

Pois de tais metodos escrevia ha tempo o mesmo órgão, principal defensor do governo do sr. Afonso Costa, que eles eram os mais adequados para promover o progresso e o bem-estar do Mexico e que os acontecimentos mostravam quão bem inspirado estava Porfirio Diaz em os apicar!

A Sr.^a D. Constança

Ainda nenhum camarada satisfaz a nossa curiosidade. Mas aqui deixamos já como depoimento estas palavras do sr. André Brun, publicadas na *Capital*:

«D. Constança Teles da Gama ocupa um quarto separado do de D. Julia, pela enfermária. Permanece invisível. Em baixo, amontoam se dois grandes fardos de roupa que ela vai distribuir pelos seus protegidos políticos. A uma pergunta que fazemos, respondem-nos:

— Não. Os outros presos e presas, que não sejam conspiradores, não têm apañhado nada. E olhe que por aqui tem passado muito e muito conto de réis. Deu ai há tempos umas roupas para uma criança duma presa. E' só o que nos lembra.»

E estas insertas no *Socialista*:

«Tem essa senhora socorrido bastantes presos, dos que estão implicados nas diversas conjuras contra as instituições; porém, ainda não ouvimos dizer, que a qualquer dos operá-

rios presos, por motivos de grêves, ou ainda outros, tiv'ssem sido socorridos por eja.»

Os «anarquistas presos que recebiam das mãos da sr.^a D. Constança a infinita graça que elas derramam», ezistiram apenas na imaginação do poeta Lopes Vieira? O tradutor de Kropotkin foi verdadeiro, estouvado ou insidioso?

Os movimentos violentos

Comentando certa passagem da conferencia do ministro da justiça... cega do Porto, escreve João Fortes na *Voz do Povo*:

«Não é a violência que se deve adotar? Então como organizar as reivindicações? pacificamente? esperando que nos atendam se quizerem? Ora, ora! E' com certeza erguendo a cabeça altivamente, clamando por justiça e não depondo essas armas, violentas embora, que havemos de ir ganhando palmo a palmo o terreno dos nossos exploradores, ainda que lhes custe.»

A *Voz do Povo*, embora pareça que não, é órgão do sr. Manuel José da Silva, o genuino deputado socialista. Nestes tempos de grêve geral politica...

Patadas

«Os dois exemplos mostram a nenhuma lealdade com que certos elementos procuram irritar os trabalhadores contra a Republica. Eles combatem, na verdade, o rejime nascente com uma furia que nunca empregaram no combate ao rejime morto. Dir-se-ia que têm saudades do tempo que não volta.»

O *Mundo*, de Lisboa (1 de março de 1913).

GEÓRJICAS

Ao trabalhador rural

III

Já ouviste decerto a parábola que te vou contar.

Numa ilha fértil, solitaria no meio de um grande mar, vivia uma familia ociosa, bem nutrida e agasalhada, que se dizia dona e senhora de toda a ilha, proprietária das terras, casas, choupanas, arados, gado, tudo.

Para manter essa familia na mandriice e na fartura, esfalfavam-se, desde manhã até á noite, meia dúzia de trabalhadores ossudos, sujos, tostados do sol, mal alimentados e mal abrigados, êles, suas mulheres e seus filhos. Só êles conheciam o seu trabalho, sabiam as épocas das sementeiras, os modos de cultivar as terras, o manejo do arado e de todos os instrumentos de trabalho, e eram êles que entre si combinavam e distribuiam as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais leves e curtas.

Quanto aos filhos do patrão, em vez de ajudar, como o faziam os filhos e mulheres dos trabalhadores, vinham estorvar e inquietar as pessoas e estragar as sementeiras. E o proprietário então? Esse não fazia mais do que vijiar os serviços, de mãos atrás das costas, dizendo de vez em quando, todo anho e satisfeito:

— Ah! se não fôsse eu, como haviam vocês de viver?

E os pobres homens, muito humildes, respondiam, descobrindo-se:

— E' verdade, é verdade: se não fosse o patrão, que nos dá trabalho e nos sustenta, que havia de ser de nós?

Ora um belo dia — belo no começo, feio depois — o proprietário foi com a familia toda dar um grande passeio pelo mar, na sua linda e veloz chalupa. E tendo-se afastado muito da costa, sobreveio um grande temporal, que afundou a embarcação e afogou todos os que nela iam. Dias depois, os trabalhadores, horrorizados, encontraram na praia os cadáveres dos patrões, vomitados pelos vagalhões furiosos.

A princípio, ficaram cheios de aflição e parecia lhes que estavam ao desamparo. Mas os trabalhos não pararam. Acostumados a combinar e distribuir entre si as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais breves e fáceis, os trabalhadores da ilha continuaram a lavar, a semear e a colher, a fiar e a tecer o linho e a lã, a criar o gado, a manejar o arado, a foice e o tear — e a terra continuou a produzir, os rebanhos a crescer e a multiplicar-se, o sol a brilhar sobre as searas...

Os trabalhadores não tardaram a reparar que tudo se fazia melhor do que antes, que já não tinham quem os estorvasse e vijiasse, que comiam melhor, andavam mais agasalhados e tinham melhor habitação e que podiam produzir mais e melhor. E por isso, no dia em que fez um ano que a tempestade os livrara dos patrões, quando palestravam sobre o caso e suas consequencias, o mais velho disse tudo em poucas palavras:

— Que grandes cavalgadas que nós éramos!

Assim dirão os teus iguais, quando se tiverem livrado dos amos que, lonje de serem úteis ou precisos, têm interesses contrários aos teus e aos dos irmãos no trabalho. Os amos querem pagar de salário o menos possível, para panhar o mais possível, e vós precisais de vos deixar roubar cada vez menos nos frutos do vosso trabalho — e isso só o conseguis associados, pois separados, desunidos nada podeis. Os amos têm interesse em haver muitos trabalhadores desunidos e muitos desocupados, para que as soldadas sejam pequenas, e vós precisais de trabalhar todos, de estar unidos, e de não haver quem tenha de aceitar uma codea por qualquer escasso serviço que apareça. Os amos, para vender caro e com lucro, precisam de refrear a produção das coisas, de reter, enceleirar, assambarcar os produtos, e até de os deixar apodrecer; e vós quereis satisfazer as vossas neces-

sidades. Assim é que ha tantas terras incultas, tantas máquinas inativas, tantos materiais desempregados, quando há tanta gente a sustentar, a vestir e a abrigar e tantos braços desocupados ou mal ocupados.

Vós fareis como os trabalhadores da ilha; mas não podeis, como êles, contar com uma tempestade providencial. A tempestade libertadora teréis de a preparar e fazer vós mesmos.

Tu e os teus iguais tendes de vos associar desde já, ainda que não seja senão para resistir á constante ganância dos amos, para estudar e defender os vossos interesses, para conhecer bem o vosso trabalho e as vossas necessidades, assim como o melhor modo de arranjar e combinar o primeiro e de satisfazer as segundas.

E assim, quando tiverdes a força e as capacidades necessárias, com a ajuda indispensável dos vossos irmãos das cidades, passareis a viver sem amos e mandriões, e a arranjar tudo por vossas mãos e vossa conta.

Neno Vasco.



— Que tens tu, ó 93?
— Saiba o meu capitão que quando tusso sinto assim a modo uma dor muito grande... muito grande... no peito.
— Então, para que tosses? meu bruto!

São impagaveis!!

O tsar, é na Rússia, sagrado como uma imagem benta.

Assim as estampilhas comemorativas do tricentenário da dinastia dos Romanoff tinham a effigie imperial. Quando tal soube, a extrema direita do Santo Sínodo levou as mãos á cabeça.

Que horror! A cara do tsar borrada pelo carimbo postal!!

E a venda das novas estampilhas foi suspensa.

Pobre humanidade do século XX!

AVISO

A nossa administração acha-se aberta todos os dias uteis, das 19 ás 22 horas, e aos domingos das 13 ás 16.

CONTOS E VERSOS

O anel májico

De René Miguel

Lebrun teve de partir para o México afim de liquidar uma importante herança que lhe fora deixada nesse país; e como em França não tinha nada de seu, o caso trouxe á família a maior das alegrias.

Dois anos depois da sua partida, começou a correr o boato de que o navio em que vinha de volta com as suas riquezas tinha naufragado, o que era falso, pois que, alguns meses depois, Lebrun desembarcava em Marselha, sua terra natal, com a fortuna que recebera.

Durante a viagem tinha contraído amizade com Raymond, um médico ainda novo, que fôra para o México com o fim de aí se estabelecer, tendo, porém, que voltar para França, pois o clima daquele país era prejudicial á sua saúde.

Ao desembarcar, Lebrun soube que toda a sua família reunida em uma casa de campo, a meia legua da cidade, festejava os anos de uma parenta.

Ardendo em desejos de tornar a ver os seus, depois de tão longa separação, apressou-se a ir juntar-se-lhes, sem ter despachado as bagagens, e vestido ainda com o fato que trouxera em toda a viagem. Este fato, é preciso dizê-lo, era mais que modesto, e deteriorado por um longo uso.

Lebrun pediu a Raymond que o acompanhasse, e assegurou-lhe que seria recebido de braços abertos. Apresentaram-se ambos na casa de campo onde a família estava reunida.

Chamaram a dona da casa: uma tia de Lebrun que, ao ver a maneira como o sobrinho vestia, supôs confirmado o boa-

to que corraera e o julgou privado de todos os recursos.

Acolheu-o, portanto, friamente; contudo, imaginou que não podia dispensar-se de o introduzir na sala de jantar onde todos estavam sentados á mēsa.

Os convivas raciocinaram como a dona da casa, e o seu acolhimento quasi não diferiu do dela. Ninguém falou na desgraça experimentada por Lebrun; pois todos temiam que em seguida á narração dos infortúnios, ele lhes pedisse que o socorressem.

Uma só pessoa parecia interessar-se pelo primo recentemente desembarcado: a filha da dona da casa. Apressava-se a fazê-lo servir e ao seu amigo, e tentava, com as suas atenções, fazer-lhe esquecer a tão fria recepção dos outros membros da família.

Raymond estava bastante contrariado por ter consentido em acompanhar um homem cujo regresso tão má impressão causava nos seus, e em voz baixa queixou-se a Lebrun de o ter colocado nessa falsa posição.

—Inquietais-vos por bem pouco, volveu este. Sabeis porque me mostram má cara?

—Palavra de honra que não descortino a causa.

—E' simplēs. Sou vítima de um feiticeiro que por um dos seus sortilégios me torna desconhecido em certas ocasiões.

—Que gracejo!

—Felizmente possuo um anel májico que vai quebrar o encanto.

E dizendo estas palavras, tirou de um estojo, que trazia na aljibeira, um magnifico anel de diamantes e pô-lo no dedo. As pedras tinham um tal brilho que imediatamente atraíram a atenção dos que estavam junto de Lebrun. A nova circulou de boca em boca, e como a joia era de grande valor, todos pensaram que era preciso ser muito rico para a possuir, e que um necessitado ha muito se teria desfeito dela para prover ás suas necessidades.

Então a ele, que tão friamente acolhido fôra, porque o julgavam pobre, desde que o souberam rico, cercaram-no de demonstrações de afeição e apreço; todos o felicitavam, todos os rostos se abriam, pediram-lhe a descrição da viagem, e perguntavam-lhe quais os seus projéto para o futuro. Enfim, os seus mais próximos parentes, não podendo já conter o ardôr da amizade que ele subitamente lhes inspirara, levantaram-se da mēsa para o abraçar, e os outros vieram apertar-lhe a mão.

ETERNO CRISTO

O Cristo não viveu, agora o diz
Um certo auctor, em briga co'a verdade;
O Cristo viveu sempre, é a Bondade
Que sofre, e que padece afrontas vis.

O Cristo, acredita, é, num paiz,
Aquele sempre em luta co'a maldade,
Aquele sempre oposto á falsidade,
Aquele que as mentiras contradiz.

O Cristo viveu sempre — é o libertario
Que não transije e vae rojando a cruz
Aos pincares adustos do Calvario.

Adora os famulentos mais os nús
O fraco, a creancinha, o proletario...
O Cristo é tão eterno como a Luz.

JOSÉ BENEDY.

—E então, perguntou Lebrun ao seu amigo, crêdes agora na virtude do meu anel májico?

—Mas, sem dúvida. Num certo sentido, creio. O sortilégio que de vós se tinha aposado é esse fato velho que vos dá a aparência de um homem arruinado: o anel de diamantes quebrou o encanto, mostrando que o fato cobre um Crespo.

A' noite, despedindo-se de sua família, Lebrun meteu o anel no dedo da prima, dizendo-lhe:

—Aceitai do vosso primo, que é rico, uma prova do reconhecimento que vos deve o primo que julgaveis pobre.

Amor de mulher

Minha querida pequena:

Amas, está bem. E's feliz, melhor ainda.

Perdôa-me se com esta carta venho esfriar o teu pueril entusiasmo. Não faças beicinho, não arrebitas o nariz com ar irritado. Bem sabes que não sou uma velha mamã rabujenta, mas uma grande amiga ajuizada que só quer a tua felicidade.

Escuta-me. Nós, as mulheres, somos criaturas muito mansas, mansas até demais, embora nos acusem de fazermos excessivo uso do revólver. Direi mais: se ás vezes algumas de nós empregam esse deplorável meio é porque são demasiadamente servis. Não protestes: vou explicar-me.

E's tu mesmo que me escreves: "Amo, sim, amo!... João é o melhor, o mais perfeito dos homens. E' tão simpático, tão bom, tão inteligente, que me sinto bem pequenina diante dele. Adoro o como a um deus..." e segues neste tom por quatro longas laudas!...

Ai! pequena, tenho tantas vezes ouvido tais declarações, tenho visto tantas raparigas gabarem-me a perfeição ideal do namorado, que me fiz cética. Conheço de cór a litania dos adjétoivos e superlativos murmurados a meia voz junto do meu ouvido indulgente. Tinham todas os olhos tão brilhantes,

tão risonha a boca, quando me contavam aquilo, que eu não me atrevia a lançar-lhes sobre o entusiasmo louco o indispensavel duche gelado. E' um duche assim que te quero dar, só para teu bem.

Estou daqui a ver: amuas, revoltas-te. Duche!... Credo! é coisa que não queres. Pois olha que bem precisas!

Imajina por um instante que sou a tua afétoosa mãe e escuta-me sem pestanejar.

Não: o teu João não é o melhor, nem o mais perfeito, nem o mais inteligente dos homens. E' muito simplesmente um homem.

Não te ponhas a construir ilusões; não lhe faças um pedestal com todos os teus pobres sonhos de virjem. Se souberes como se esvaem depressa os sonhos dos vinte anos e como é triste o despertar!

O teu namorado é talvez um bonito rapaz, elegante mesmo. Basta que te agrade.

Perfeito? Qual! Não ha seres perfeitos neste mundo. E fazes ideia do que seria um marido perfeito? Minha querida: seria o maior dos aborrecimentos viver com semelhante homem.

Inteligente? Admito que o seja. Mas a intelligencia nunca é completa. Nos nossos cérebros ha sempre um cantinho de tolice, um cantinho escuro onde se acumulam as poeiras. Procurá-o nele e has de lho achar.

Bom? Hum... hum... está certa disso? Quero supor-lhe as melhores intenções, mas um bom coração é um animalzinho adormentado. Mesmo domesticado, o animal não se esqueceu de morder na ocasião propicia. Tem cautela!

Como te has de sentir pequenina diante de quem é tanto como tu?

Ah! aqui está precisamente o erro das mulheres: considerarem os homens que elas amam como deuses, adorando-os como sérvas dóceis. Suportamos sobre os nossos débeis ombros o peso de muitos seculos de ignorância, durante os quais curvaram as nossas almas aos pés dos idolos. As

FILOSOFIA BARATA

Da Vida Socialista (Madrid)



Ezata representação da actual situação economica na presente sociedade burgueza.

nossas avós prostraram-se nas catedrais, ante altares salpicados de doiraduras. Sob a luz pálida que caía dos vitrais multicores, imploravam elas não sei a quem... não sei quê... belo, grande, bom. Nós, que já não acreditamos nesse não sei quê, ajoelhamos ante o homem amado, nele encarnando esse belo, esse grande, esse bom, de que temos sede.

Quantas vezes, nos serões estivais, quando eu trabalhava ao clarão róseo do meu candeeiro, não vi eu pobres borboletas abeirarem-se da chama e queimar as asas, caindo-me sobre o papel como pequenos borrões negros!

Minha amiguinha, nós somos como essas borboletas: julgando que vamos para o sol, corremos para qualquer chama fumarenta e caímos com as asas queimadas. Não deve ser assim. Mandá calar a tua imaginação juvenil. Ama, ama muito simplesmente: é mais difícil do que imaginas. Se adornas o teu bem-amado de todas as perfeições, terás de sofrer uma desilusão. Quinze dias antes do casamento o vosso noivo, raparigas, é um deus: quinze dias depois será um monstro. E de quem será a culpa? Vossa. Antes e depois, o vosso noivo é um homem, e vós é que sois tolas se o não notais. Encastelastes mirajens sobre mirajens, e quando desaba a frágil construção, umas choram e resignam-se, outras perdem a cabeça e matam. Vingam-se, no homem, do seu próprio engano, e da sua própria cegueira. Fazem-se pálidas heroínas dos tribunais, por não terem querido ver que vingar-se duma ilusão é ação de doida e que compreender é ação de mulher.

Sim, compreender, está nisto toda a questão. Compreende que não és um anjo, que és uma criatura débil e frágil, e que o teu João é como tu. Procura apreciar-te pelo teu valor justo e procura conhecer o que êle vale. Então, quando fôr preciso, serás toda indulgencia, pois saberás que um homem se engana amido e que não há deuses. Escorraça essa exaltação mística e infantil. Amar é compreender muito e muito perdoar.

Ama com olhos límpidos que sabem ver e não tremerás ante o futuro.

Fica sabendo que o romanesco e a servidão são causas da morte desses amores que, como as fogueiras de gravetos, brilham um instante e apagam-se. Deves preferir a êsses brilhantes fogachos o suave calor dos troncos de carvalho, essas boas achas queimadas na lareira nos serões de inverno, sob profundas chaminés negras de fuligem. A sua labareda discreta dura muito tempo, e quando apagada a luz, nos metemos entre os lençóis que cheiram a alfazema, ficam elas ainda a

estrelar a treva durante a noite toda. Ama assim, discretamente, fortemente, e mais tarde o teu amor sempre vivo há de alumiar-te na velhice.

A vida é uma coisa simples, sã, boa, clara como um céu de abril: não lhe peças um esplendor fectício.

Não te prostres: adorar é ato de escrava, amar é ato de mulher.

Adeus, minha querida pequena. Um beijo da tua grande amiga

(Por cópia conforme)

MARCELA CAPY MARQUES

NEO-MALTUSIANISMO

II

Como reter o crescer da população? Soluções impraticáveis. A solução dos neo-maltusianistas.

Deixámos dito no anterior artigo que a solução mais viável para estabelecer um equilíbrio estável entre o consumo e a produção consistia na limitação das nascenças.

Que fazer então para pôr uma barreira ao numero dos nascimentos? como evitar que nasça gente de mais?

As opiniões emitidas divergem.

Para uns, os pretendidos religiosos e puristas que parecem interessar-se pelo problema, o único bom remédio está na *castidade*: «Dominemos os nossos impulsos brutais, combatámos a sensualidade seccual, fujámos quanto possível das aproximações seccuais e repudiemos todos os atentados contra a moral (?) e todos os processos anti-naturais para não termos filhos!»

Para outros, a quem a religião não importa mas que respeitam os bons costumes (?) e são inimigos dos atentados contra a natureza, a limitação dos nascimentos deve ser obra da vontade de todos: «Sejamos honestos na vida conjugal e abandonemos os prazeres seccuais atinjido o numero medio de tres filhos.»

Outros ainda, para os quais o definhamento da especie é ponto capital, entendem que o grande remédio está em só permitir a procriação aos individuos sãos, aos escolhidos:

«Se só fosse permitido o casamento a individuos sãos e escolhidos como os mais aptos, teríamos entravado a decadencia pavorosa da especie humana e arredado o perigo do crescimento assustador da população do mundo!»

Por ultimo aqueles que reconhecem a toda a gente o direito aos prazeres seccuais proclamam que a verdadeira solução, a unica boa válvula de segurança contra o crescer desmedido da população mundial está na utilização dos varios processos artificiais para evitar a conceção: «Não desprezemos

os prazeres seccuais, mas saibamos evitar-lhes as consequências — os filhos — quando as circunstancias de cada um assim o ezijam ou quando o seu numero vá alem de certa conta.»

A solução dos puristas — a castidade — é absurda. A função seccual além de indispensavel á saúde constitue o mais intenso dos prazeres da vida. De resto, os ultimos seculos de influenciação cristã, de propaganda pró-castidade, demonstram bem quão inutil é toda essa propaganda contra os prazeres da carne.

A segunda solução tambem não serve a ninguem. E' pregar a castidade na vida conjugal depois de nascerem os primeiros filhos. Será possível renunciar á vida seccual depois de a ter experimentado?

Quanto a pretender que o amor só seja permitido aos sãos, aos mais fortes é de uma crueldade intoleravel. Agravar a inferioridade dos menos aptos, dos mais debéis com a prohibição de satisfazerem o imperioso instinto genésico, não é humano!

Mas para que falar destas tres primeiras soluções? Elas não são viáveis.

A ultima solução, a única que conta numerosos propagandistas, aquella solução que dá a cada um a liberdade de ter ou não filhos segundo os seus desejos, merece-nos especial atenção.

Os primeiros propagadores do ultimo processo citado, os propagadores da limitação voluntaria dos nascimentos, eram impulsionados pelo perigo emanante das afirmações de Maltus. No entanto o seu novo maltusianismo — o neo-maltusianismo — desviou-se do fim primitivo, esqueceu-o.

Atualmente os neo-maltusianistas quasi perdem de vista o seu primeiro objetivo. Não é já para evitar o crescer desmedido das populações que os neo-maltusianistas desenvolvem uma propaganda átiva; o que os ocupa não são os perigos futuros mas sim os males presentes. O neo-maltusianismo torna-se assim uma doutrina de atualidade.

Os processos neo-maltusianicos põem na mão de cada qual, homem ou mulher, a faculdade de arredar os inconvenientes ou os perigos da procriação.

Senhor de tais segredos o casal que, em virtude de precária situação, temesse vir a ter um bando de filhos, não os terá.

A excelencia do processo reside no facto de ele ser de grande alcance na luta contra a miseria. Os proprios miseraveis, os famintos, podendo deixar de ser criadores de mais carne para canhão! de mais miseraveis para a escravidão do salariato!

Outro casal, atinjido de doença incuravel que se possa repercutir na sua descendencia, evitará essa descendencia, querendo.

E assim o processo que estamos defendendo resulta em arma de valor na luta contra o definhamento da especie, ao mesmo tempo que liberta sensivelmente o amor, dando á mulher a garantia da sua liberdade, precavendo-a contra as consequências funestas de amor mal sucedido. A mulher conhecedora dos artificios neo-maltusianicos poderá ser mais espontanea e mais livre.

Quais, porém, os meios de evitar a conceção?

Eis ao que, no artigo seguinte, responderemos.

Gaspar Santos.

(estudante de medicina)

Alcool e civilização

Os francezes levaram para Marrocos a «civilização» e o alcoolismo. Só em Casablanca, desde 1907, o numero dos locais de venda passou de 6 a 161. De 1909 a 1910, dobrou a importação do alcool! Alcool e soldados! Pobres marroquinos!

O governo diz que vai tomar medidas... Que nenhuma loja de bebidas se abrirá sem licença do governador da cidade...

Isto, depois das revelações de Vigné d'Octon sobre o alcoolismo na Indo-China, protegido pelas autoridades superiores, não é tranquilizador. Na Indo-China franceza, para mil aldeias há dez escolas e mil e quinhentos locais de venda officiais de alcool. E' uma raça inteira envenenada. A «Sociedade franceza das distilarias» impinje a uma população de cem mil anamitas um minimo de 300 mil hectolitros duma droga alcoolica perigosa, por ano! Essa sociedade gasta anualmente 800 mil francos de gorjetas... e entre os seus acionistas estão muitos deputados e o ministro da guerra.

A industria do alcool é, em França, «nacional»... Há tempos, uma circular secreta dos distiladores lembrava aos aderentes que empregassem o argumento do «patriotismo» e fizessem correr que os anti-alcoolicos eram antipatriotas e pagos por uma industria rival com interesses estrangeiros... O patriotismo!

● O casamento é a completa união de dois individuos de sexo diferente, que se desenvolvem reciprocamente, fundindo-se um no outro pelo amor, e identificando-se tanto física como moralmente num destino comum — *Teixeira Bastos*.

● Todo o individuo, tu, elle, e eu, tem o direito de viver segundo a sua propria lei e, por consequencia, o dever de se revoltar contra a sociedade que lhe pretende impor outras. — *Ibsen*.

* PELO MUNDO DA ARTE *

TEATRO.

O Assalto — peça em 3 atos de Henry Bernstein, tradução de Amália Vaz de Carvalho. Teatro da Republica — 14 de fevereiro-1913.

A peça o *Assalto* é interessante, quanto ao seu principal tema. Se o autor se tivesse limitado a tratar única e exclusivamente do assunto principal, se não enxertasse uma paixão romântica, algo delambida á mingua de justificação, se desenvolvesse o assunto que lhe serviu de título para a peça, — o *Assalto* seria uma peça interessantíssima e perfeita quanto á ideia, e poderia colocar-se sem desdouro ao lado da excelente e educadora peça que no ano passado subiu á cena neste mesmo teatro e cujo desempenho por parte de Augusto Rosa pode classificar-se de criação. Referimo-nos ao *Apostolo*.

Bernstein, porém, não o quis fazer, e, evidentemente preocupado com a multidão, com o gosto depravado do publico em geral, encaixou na peça o tal namorico piegas duma rapariga por um velho, que decerto lhe dará mais representações, mas que desvaloriza o trabalho, não tratando desenvolvimento do tema como êle requeria e se prestava.

O *Assalto* é, como muitas peças modernas, uma crítica mordente mas justa da vida política, dos politicos profissionais. Nela salienta-se, como no *Apostolo* que é a peça mais conhecida e que deve estar mais presente na memoria do nosso publico, — o que é a vida do politico profissional. O que os sociologos teem feito por meio da sua critica científica, fazem-nos agora os autores dramaticos escarpelizando e pondo a nú o que é essa montureira de imundicies que para ai corroe as sociedades e que se chama politica, — não a política-ciencia, independente, libertaria, mas a politiquice reles, a da intriga, a das *coteries*, a dos grupos e grupelhos, que formados de individuos sem consciencia, de bandos de *arrivistas*, de trepadores, que furam por toda a parte na busca da *curée*, que *assaltam* e ezaurem as riquezas publicas e que, quais vibrões, apodrecendo tudo e todos, se comprasem em viver, chafurdar e desenvolver-se nessa podridão que criaram.

Alexandre Merital (Augusto Rosa) é um politico profissional. Atinjiu o macimo da preponderancia politica: é chefe dum partido e dum momento para outro pode sêr ministro, presidente de ministerio, e, até, presidente da republica. Está na moda. Vai na onda e a cor-

rente da opinião publica assim o faz prever. E' só questão de tempo.

No entanto é necessario dar uma feição moderna ao partido, arranjando-lhe um titulo que abranja tudo, muito embora nada se faça. (1.^a cena do 1.^o ato)

Os dois filhos de *Alexandre Merital* — *Daniel* (Henrique Alves) e *Julião* (Rafael Marques) e mais o amigo *Garancier* (Pinto Costa) discutem esse problema. Os alvites surjem e cada qual procura inventar um rotulo; mas nenhum satisfaz. Por fim o *luminar*, o *astro*, *Alexandre Merital*, intervem e lembra que o partido tome o nome de — *partido social*. Todos ezultam. Todos o acham magnifico, — mais por adulação inconsciente do que por quaisquer ideias e principios fundamentais. E' somente sob o que tal rotulo tem de *habilitoso* que todos o vêem. O adjetivo *social* presta-se a mil e uma interpretação e os injenuos que se preocupam com os problemas sociais e a questão social podem vêr que *emfim* vão ter um partido que lhes vai tratar de *todos os graves problemas sociais*. O eterno *bluf* dos partidos politicos e dos governantes, diante das reivindicações do povo.

Mas quando as coisas vão decorrendo pelo melhor, surge então o que o autor chama o *assalto*.

Alem do espetáculo degradante da luta vil entre os partidarios das diversas facções politiquieiras, ha ainda dentro de cada facção um outro espetáculo mais degradante ainda, mais imoral — manifestação da perversão, do achincalhamento dos carateres. E' este aspêto da politica, da politica de dentro de cada partido, que Bernstein pretendeu aludir e retratar, não dirêtamente, espondendo o quadro hediondo do homem sem convicções, do homem-bandalho, mas indiretamente, mostrando-nos um ezemplar, uma vitima do *assalto* que os seus partidarios e amigos lhe fazem á sua reputação e preponderancia politica para treparem por cima dêle, para sobre o seu cadaver subirem mais um palmo na escala social.

A cáfila de rafeiros num servilismo canino, á espera da ração que o futuro ministro lhe há de dar, adula e lisonjeia o chefe presente. Mas por detrás, nas costas, traiçoeiramente, arreganha-lhe o dente, rosna-lhe, abocanha-lhe a conduta, deprecia-lhe as qualidades.

Todo aquele que teve mais artes, por ventura mais talento venal, do que a maioria; todo aquele que soube criar em volta de si um ezercito de mediocridades ou de sabujos, de mo-

do a salientar-se, a distinguir-se e a conquistar uma influencia, um prestijio, uma preponderancia politica, criou igualmente em cada um dos que constituem a sua *entourage*, um invejoso, um pretendente, um concorrente á mesma preponderancia e todas as vezes que podem não poupam quem ostensivamente reconhecem como seu superior e a quem beijam os pés.

Quem no *Assalto* simboliza essa matilha é *Antonio Frepeau* (Carlos de Oliveira). E' o editor, o proprietario do jornal em que *Merital* escreve, órgão do partido. A queda ou o descredito de *Merital* seria a chefia para *Frepeau*. Este, tendo descoberto no passado de *Merital* um roubo de 4000 francos, arranja *um testa de ferro* para levantar num jornal uma campanha de moralidade contra *Merital* — uma dessas campanhas tão frequentes nos jornais politicos.

E' o proprio *Frepeau*, que vem trazer a *Merital* o "*infame pasquim que assim ousa manchar a honra do seu chefe e amigo*".

Merital sente o ataque, o *assalto*, mas resiste e repele desdenhosamente o que chama uma calunia, declára não descer a defender-se. *Frepeau*, porém, anticipára-se e publicára um desmentido categorico no jornal de *Merital* contra "*o infame pasquim*" — o que o obriga então a defender-se, quando mais lhe convinha mostrar-se superior e não correr o risco aleatorio dum processo crime por difamação. Mas *Frepeau* conduziu as coisas a tornar imprescindivel o referido processo. *Merital* vai chamar aos tribunais o autor das calunias.

O *assalto* estava portanto organizado. Agora competia-lhe salvar-se dele. E assim termina o 1.^o ato.

No 2.^o ato estamos a horas antes do julgamento do pretenso difamador. Todos, incluindo os proprios filhos, receiam a condenação de *Merital*, que êle se transforme de autor em réu. O vácuo fez-se em volta dêle. A' escêção dum amigo, todos os seus antigos amigos se re-

traíram a pouco e ponco, á medida que a campanha aumentava e o processo caminhava. Uns finjiam-se doentes, outros mostravam-se com o tempo todo tomado pelos seus afazeres; e todos procuravam manter-se numa espetativa não comprometedora, guardando o resultado do julgamento para depois se pronunciarem, ou crivando-o de acres censuras por os ter comprometido a todos. Prontos portanto a chamar-lhe "*honrado entre os honrados*" se for vencedor; ou a classificá-lo de traidor e ultimo dos homens, se fôr vencido...

No intimo, porém, *Merital* sente-se perdido. A base da campanha é verdadeira: êle roubou. Roubou por necessidade, é certo, por miseria, por ter fome, mas roubou e se a um politico é permitido roubar o povo para si ou em nome do Estado, não lhe é permitido atacar a propriedade alheia num momento de fome. Cumpria-lhe, portanto, vêr quem era o interessado no seu descredito para, por sua vez, o atacar e sob a ameaça, sob a *chantage* dum pôdre do seu adversario, jogar a retratação, a sua reabilitação.

E de facto, de investigação em investigação, *Merital* consegue descobrir que o autor da campanha é o proprio editor e proprietario do seu jornal — é *Frepeau*. Como fazê-lo calar? Por um acaso consegue haver ás mãos uns papeis comprometedores para *Frepeau*, papeis que provam a sua cumplicidade num desses vulgarissimos negocios escuros em que os politicos costumam enriquecer ajiotando sobre a *coisa publica*.

Era a vitoria! *Merital*, e numa cena bem trabalhada, ezije deste que vá ter imediatamente com o *testa de ferro* que vai sêr julgado daí a meia hora e que lhe dê ordem não só para não apresentar nenhum novo documento contra êle, mas tambem para se retratar em pleno tribunal. No caso contrario não terá rebuço de publicar os papeis que possui e que são a perda de *Frepeau*. Ela por ela. *Frepeau*, afinal, aceita. (2.^o ato.)



«Vês tu o sol que alem se deita? Pois bem; assim como ele se erguerá amanhã, assim é certo que a verdade brilhará um dia».

SCHILLER.

De facto o *testa de ferro* desdisse-se de tudo em pleno tribunal. *Merital* sai triunfante. A' custa duma *chantage* livrou-se duma *chantage* que lhe moveram. Para o mundo, para os seus filhos, continuará a sêr um homem honrado... E' esta a vida do politico!...

E assim termina o assunto principal, no principio do 3.º ato.

Dai em diante, numa importante cena preenche-se o ato com uma descrição íntima por parte de *Merital* das causas do roubo que cometeu na sua mocidade e como viveu até restituir a quantia roubada. Esta descrição-confissão é feita a *Graça de Rould* (Ester Durval) — a tal raparigueta apaixonada por *Merital* e cujo amor dá origem a umas cenas românticas — uma em cada ato — mas que são, infelizmente, o suficiente para quebrar e desviar a intensidade dramática quanto ao tema principal e passar para muito gente para o primeiro plano o que devia manter-se em plano secundário ou, até, não existir, porquanto o *assalto* dava para *encher* perfeitamente os três atos.

Vê-se, pois, que a peça de Bernstein tem erros de técnica, não só misturando dois assuntos que separadamente podiam dar duas peças — uma realista, a politica; outra romântica, a amorosa — mas sobretudo por quebrar o interesse do espectador a menos de metade do 3.º ato em que a peça acaba realmente, vendo-se obrigado a lançar mão dum artifício, como é a narrativa emocionante do passado de *Merital*, para que o ato se prolongue, se arraste mais algum tempo.

Também nos pareceu falta de caracterização psicológica a paixão de *Graça de Rould* que, estando para casar com um dos filhos de *Merital*, prefere o velho *Merital*. E' uma simples fantasia caprichosa duma criança romântica quasi mística, ou é uma resultante do prestígio, da celebridade, da superioridade de homem notável do grande politico? No final do 3.º ato parece que é por este motivo, quando *Graça* não quer que *Merital* renuncie á nojenta vida de politico, mas convencendo-se tão facilmente, não nos dá tempo de saber se essa condescendencia é real ou fingida, ou fraquesa...

Pelo esposto vê-se que apesar dos seus erros, o *Assalto* é interessante e os artistas do *Republica* deram-lhe um desempenho correto. Cabe, porém, honras a Carlos de Oliveira, que pode dizer-se que fez uma criação. Estudou bem o papel e em todas as cenas, tanto a do 1.º ato como a do 2.º ato foi um verdadeiro artista, não perdendo particularidades, desde os gestos até ás inflexões, desde a caracterização até ao jogo fisionómico, ao piscar dos olhos, ao crisar das mãos.

Augusto Rosa interpretou in-

telijentemente o seu personagem, fraquejando um pouco nas cenas românticas da paixoneta, mas elevando-se á altura do grande artista que é, nas cenas com Carlos de Oliveira. As duas cenas que ambos teem juntos pensam bem o resto. O modo como elas estão marcadas, divididas, como se desenvolvem e como os dois personagens evoluem é um modelo de arte de representar que honra os dois artistas que contrataram, e o artista ensaiador.

Quanto a Ester Durval parece-nos possuir dotes para a cena. As desigualdades de interpretação, as falsas inflexões que por vezes lhe notamos são precalsos bem naturais em quem

começa. O que necessita é aprender a andar com mais elegancia, erguendo mais a cervis e arrastando-se menos.

Relativamente aos demais interpretes: Henrique Alves, Pinto Costa e Luz Veloso (Georgina Merital) bem. Rafael Marques precisa tornar-se menos pezado, menos duro. As suas atitudes, o seu vozeirão, e sobretudo o seu andar faz-nos lembrar que estamos diante dum lutador de circo, e não dum homem de sociedade.

A tradução, achamo-la correta — melhor do que as do costume, feitas por algum dos socios do *trust* das traduções.

Adolfo Lima

OH! AS REPUBLICAS...

EMIGRAÇÃO PARA O BRAZIL

O capitalismo brasileiro precisa de 10:000 famílias de emigrados europeus — O que os espera: explorações, enganos, estorsões e violencias para os submissos e embrutecidos; perseguições, prisões e expulsão do territorio para os que pensam, sentem e teem dignidade

Mal a campanha anti-emigratoria para o Brazil se começou a desenvolver em Portugal e Espanha, a imprensa brasileira franziu um pouco o sobrolho, atónita, embaçada, tremendo, preludiando graves ciclones para os interesses da burguezia de quem é mui digna representante. Fomentava, porém, uma esperança, e essa esperança era a de que essa propaganda altruista se fosse amortecendo pouco a pouco como a luz broxoleante dum candieiro sem petroleo... Felizmente a chama em vez de se apagar ateia-se mais vivamente, e alguns infelizes que julgavam ir procurar uma felicidade além mar vão-se capacitando de que eram simples sonhos que se dissiparam como o fumo em espirais ao lerem as verdades reveladoras que a imprensa livre tem dado curso. Este facto tem sido causa de tanta lastima entre os periodicos burguezes brasileiros. E' justamente quando, pouco mais ou menos, o «ministro de agricultura do Brazil» firmou «um contrato com a Sociedade rural de Comércio e Industria, para a introdução e colocação de 10:000 famílias de emigrantes europeus» que mais propaganda anti-emigratoria se tem feito! E a classe preponderante brasileira toda se contorce em dores aflitivas!

10:000 famílias emigrantes que precisamos, e aqueles malditos que nos veem agora desmascarar, pondo a nú toda a nossa podridão e falsidade! E nem sequer uma indemnização pelos prejuizos causados! Lá se vão as nossas riquezas! Lá se afunda emfim a nossa moralidade!

Isto é o que a burguezia brasileira pensa.

Até aqui o Brazil era tido como o paiz modelar da democracia. Os nossos republicanos na opposição apresentavam-no como um exemplar das republicas. A Argentina, como outras nações americanas, também era tida como um belo molde. Afinal, foram contos da carochinha. O nosso povo, enbriado pelo insenso retorico dos republicanos nos tempos de recente memoria, acreditou em tudo isso. Mas as lições eloquentes, irrefragaveis, deslumbradoras, teem evidenciado claramente á luz da razão todo esse paraíso pataqueiro.

O Brasil do progresso, o Brasil dos maçons, o Brasil da liberdade, o paraíso sonhado por milhares de famílias, completamente desfigurado!...

O Brasil e a Argentina, paizes de liberdade! Que beleza! E no entanto na Argentina o clericalismo avança, domina, enchem-no de privilegios, perseguem os operarios com a *lei de residencia* ao passo que no Brasil, para não ficar atrás, misturam a maçonaria com o catolicismo, a camara federal aprova a *lei para a expulsão dos estrangeiros*, proibe o direito de associação e de imprensa, esfarrapa a constituição e proclama o despotismo mais desenfreado.

O Brasil precisa de 10.000 famílias emigrantes para o desenvolvimento da sua agricultura, mas quer 10.000 famílias submissas, autómatas, que se movam para todos os lados como se fôssem maquinismos enjennhosos acessíveis ao impulso da perssão sobre uma mola... Precisa de 10.000 famílias, mas que não sintam, que não pensem, que não tenham dignidade e que vão dispostas a não só não receberem os salarios

contratados como ainda a pagarem quantias imaginarias aos seus senhores!

São indispensaveis 10.000 famílias, mas 10.000 famílias que consintam na revivescencia da escravidão antiga. São necessarias 10.000 famílias, mas 10.000 famílias que se disponham a fazer sob a gélida forma dum despotismo sanguinário. São convenientes esses milhares de famílias para o desenvolvimento da agricultura e da industria, mas que se prontifiquem a servir de entretenimento ás violencias da policia feroz e dos senhores tiranos, como outr'ora a marinhagem que trabalhava nas vergas das naus servia de alvo ao irmão de D. João V para saciação dos seus requintes de ferocidade boémia, caindo ferida ante a indiferença dos poderes constituídos... Milhares de famílias são precisas, mas daquelas que se sujeitem, dispersas e perdidas nas rejiões do café e da banana; ás condições humilhantes que lá lhes impuzerem imperativamente, rasgando-lhe nas faces incandecidas a letra desvalorada dos contratos feitos pelos agentes impostores na sua terra natal. Se a isso se prestarem essas famílias desejadas, poderão por algum tempo, sob o látego do explorador, arrastar uma vida cheia de felicidades... negativas e trazer ás suas aldeias, como recompensa dos seus sacrificios, peor miseria ainda, com a tuberculose ou qualquer outra doença ás costas.

Se entre essas famílias, uma vez lá aparecer uma que pense, que sinta, que tenha dignidade e que fuja da opressão dos campos para as cidades, encontrará como alivio as brutalidades dos *capangas* das fianças e da politica. Mas se essa familia não tem a hombridade de repelir ou, pelo menos, não se prepara para responder condignamente ás violencias dos despostas, mas um dos seus membros a possua, que alimente uma ideia de libertação, para este surje-lhe o inesoravel fantasma da tirania que o maltrata, o persegue e por fim o espulsa como perigoso á sociedade. Ou a familia tem de vir com ele ou, no caso de impossibilidade, nunca mais a torna a ver. Não se admitem queixas, porque como resposta obtem-se espancamentos. O lucro, pois, do emigrante é este: depositar nas mãos de meia dúzia de bandoleiros do negocio os seus poucos haveres por uma quantia insignificante e encontrar peor miseria; e no caso de não se deixar roubar nem servir de escravo, ser espulso violentemente depois de mil torturas. São as liberdades que o *pai dos operarios* dispensa, principalmente aos estrangeiros. E' aquele *pai dos operarios* em nome de quem os socialistas realizaram o 4.º congresso *operario*, adorando-o...

Clemente Vieira dos Santos.